



# ANVERSO E REVERSO de um crime





*Rafael Lovato*

# ANVERSO E REVERSO de um crime

Coleção  
NOVOS TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA

novo século



*À Mé, companheira auspiciosa.*  
*À tia Dida, que me amou como um filho.*



... Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e nas suas fronteiras estará o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos (Apocalipse 22-3).

O espírito e a noiva dizem: *Vem. Aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida* (Apocalipse 22-17).

*Aquele que dá testemunho destas cousas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus* (Apocalipse 22-20).

*Memento, homo, quia pulvis est et in pulverem reverteris.*<sup>1</sup>





# Sumário

Prólogo ..... 9

## 1. O anverso

- Os Acontecimentos ..... 11
- Inesperado Progresso ..... 93
- Intuição ..... 105
- A Conclusão Eclesiástica ..... 110
- O Bode Expiatório ..... 125
- O Herói ..... 150

## 2. O reverso

- Lúgubre Verdade ..... 156
- 
- 



# Prólogo

Set pegou *O príncipe e dez cartas*,<sup>2</sup> uma de suas obras preferidas e que mantinha sempre depositada sobre a cômoda de seu quarto, e leu a quarta carta:



... Acreditei no que dizia, tal qual jovem inexperiente. Entrei e percebi, na penumbra, outra mulher, o rosto e a cabeça cobertos com uma toalha, que se fazia de enverganhada, encolhida num canto.

A velha vivandeira toma-me pela mão e me leva à outra, dizendo: “Eis aqui o que quero vender. Pode experimentar, o senhor pagará depois”. Como sou tímido, fiquei sem saber o que fazer. Mas, deixado a sós com o objeto, e no escuro – porque a velha saiu e fechou a porta – tomei-a de um só golpe, para dizê-lo brevemente. A despeito de suas coxas flácidas, do rosto suado e o hálito fétido, tal era a minha urgência, que cheguei ao fim desejado.

Depois, como queria ver a mercadoria, levei uma mecha às brasas do fogão e acendi uma lanterna que havia ali pendurada. Mal a chama ardeu, quase a lanterna me tomba das mãos. Ai de mim! Por pouco não caí desfalecido, tão horrível era a mulher.

Dela se via, antes de mais nada, um tufo de cabelos nem brancos nem pretos, de um cinzento sujo; o topo da cabeça era calvo e a calvície revelava algumas pulgas a passear. Os fios rarefeitos escorriam até as sobrancelhas. No meio da testa, pequena e enrugada, exibia uma cicatriz vermelha que parecia marcá-la para o poste dos condenados, na praça pública. As sobrancelhas terminavam com feixes de pêlos plantados em verrugas. Os olhos eram de tamanhos diferentes, um mais baixo do que o outro, os cantos viscosos, revestidos de películas úmidas. O nariz, protuberante,





uma das narinas cortada, cheia de muco. A boca lembrava a de Lourenço de Médici mas era torta de um lado e deixava escapar um filete de baba porque, sem dentes, não conseguia reter a saliva. O lábio superior mostrava um buço de bom tamanho. O queixo, ao mesmo tempo pontudo e curvo, tinha uma dobra de pele que chegava à garganta.

Como me detivesse a contemplar o monstro, ela tentou dizer: “O senhor está sentindo alguma coisa?” – mas não conseguiu falar porque era tartamuda. E ao abrir a boca deixou escapar um hálito tão pustulento, que meus olhos e o nariz, os mais delicados dos nossos sentidos, foram ao mesmo tempo e de tal forma feridos e irritados pela pestilência que o estômago também se revoltou e, para ser breve, fugi vomitando sobre a mulher, pagando-a, assim, com a única moeda que valia.

As risadas eram inevitáveis. Sempre que estava um pouco desiludido com a vida, para animar-se, lia essa carta datada de sete de dezembro de 1509, que Maquiavel escrevera para seu amigo Luiz Guicciardini. No fim, sempre lembrava que definitivamente havia coisas piores para se vivenciar.



# Os Acontecimentos

O anverso



*Ele parecia nem mesmo sentir o peso do homem que carregava. Manipulava-o como quem brinca com um boneco. Quando o deitou sobre a calçada, ainda vivo, conferiu-lhe alguma coisa num dos bolsos internos do casaco, arrumou-lhe a lapela e juntou-lhe os pés e as mãos. Pegou a estaca que trazia consigo e desferiu um certo e violento golpe.*

*Olhou a vítima por alguns instantes e depositou uma bíblia sagrada sobre o esterno. Tinha iniciado; não mais havia como retroceder. Nada o impediria agora. Quem vislumbrasse seus olhos enxergaria uma satisfação demoníaca no que acabara de fazer.*

Era madrugada de uma quinta-feira de lua crescente e brilhante. A noite estava quente mas não em excesso, um prelúdio ao vindouro verão. Uma refrescante brisa soprava elevando ao ar colunas de poeira e chacoalhando as folhas das árvores, que produziam um som indescritivelmente agradável.

O silêncio reinava na rua das Figueiras, onde na altura do número 49 residia, numa casa de alvenaria de cor salmão-claro, o delegado de polícia Set Dal Monte de Castro. A casa fora construída numa pequena elevação e era rodeada por majestosas figueiras que deram o nome à vereda, as quais tinham uma copa tão grande que, quando do sol a pino, era possível gozar de sua sombra em boa parte da calçada.

Set era famoso por solucionar a grande maioria dos crimes que investigava, e sua competência era conhecida muito além dos limites geográficos do Município onde atuava. Não raramente era chamado para auxiliar na investigação de crimes fora da cidade, algumas vezes até mesmo fora do Estado. Muitos o consideravam obstinado, pois para ele não havia hora para o trabalho. Não sabia lidar muito bem com a derrota e nunca se dava por vencido, perseverando até resolver o crime que lhe fosse confiada a solução ou levando-o até o ponto mais próximo possível do desvendamento.

Por sua dedicação integral à delegacia de polícia, acabaram seus dois casamentos. Sua primeira mulher, Virgínia, após infundáveis discussões sobre nunca estar em casa, pediu o divórcio e foi morar noutro Estado. Já a segunda, Alitza, mulher teimosa e com ares de superioridade, não sabia onde estava. Chegou um dia em casa e somente encontrou um bilhete, com o seguinte dizer: “Tchau”. “Pelo menos deixou as gatas” pensou na época, porque destas sim sentiria falta.

Elas eram o seu xodó. A mais velha era uma gata de rua com gene semi-albino, toda bege e com as extremidades escuras, que atendia pelo nome de Minerva Maric. Minerva por ser o nome da deusa romana da sabedoria, filha de Júpiter, chamada pelos gregos de Atena; Maric em homenagem a Mileva Maric, primeira esposa de Albert Einstein,<sup>3</sup> por quem nutria grande admiração. A outra gata, pouco mais nova, advinha da Tailândia, antigo Sião. Era totalmente branca, de pêlo curto, com as extremidades levemente avermelhadas, de porte esguio e magérrima. Set costumava dizer que se assemelhava a uma leoa em miniatura, e seu nome era Andaya Suiara. Fora escolhido o nome Andaya<sup>4</sup> porque a gata, quando nascera, era a menor da ninhada, mas cresceu de maneira assustadora. Suiara espelhava o gatil de sua procedência.

Apesar da tranqüilidade da noite, aos mais sensitivos era possível perceber um peso na atmosfera, algo inexplicável, quase imperceptível, como se o ar, repentinamente, transformara-se numa espécie de gel que pressionava levemente os corpos nele mergulhados. Set dormia o sono dos justos quando recebeu, às 2h14min, um comunicado de um dos policiais da DP.

– Set falando... – resmungou com voz rouca.

– Boa noite, *chefia*. O doutor me desculpe ter de acordá-lo, mas o acontecido ainda é *novo*, e estou com um *presunto ainda quente olhando para mim* aqui no *buraco* do Antigo Comércio... Coisa muito feia... Acho melhor o senhor vir para cá...

Pela maneira de falar, imediatamente identificou o policial Reinaldo Lúcido no outro extremo da linha telefônica.

– Não consegue resolver sozinho? – perguntou, ainda bastante sonolento, parecendo que havia pegado no sono recentemente.

– É que... A coisa é da *braba* mesmo, *chefia*... Acho que é *morte encomendada*... Melhor o senhor vim ver...

– Está bem. Estou indo...

Recolocou o aparelho no *gancho*, que ficava no criado-mudo, e observou uma cena que lhe era familiar: Minerva deitada sobre seu abdômen e Andaya ocupando mais da metade de seu traveseiro. Minerva limitara-se a mover uma das orelhas para distinguir de onde viera o barulho e Andaya nem sequer mexera-se ao soar do telefone.

Após o chamado, o alto e corpulento delegado retirou Minerva de cima de sua barriga e acomodou-a na cama. Levantou-se calmamente, escovou os dentes e vestiu-se como de costume – terno em tons sóbrios

e gravata, sempre com o nó muito bem-feito. Olhou para seus bem engraxados mas surrados sapatos: precisava comprar um par novo, mas era difícil encontrar o número que calçava: 46.

Vencido o ritual da vaidade, dirigiu-se para a rua do Antigo Comércio. Já estava acostumado com essas chamadas durante a madrugada porque esse era o horário preferido de os *assassinos de carteirinha* agirem.

A ruela não tinha saída, era um beco que acabava nas ruínas de uma antiga igreja da cidade que sucumbira ao passar dos anos e à falta de manutenção. Era ladeada por prédios do antigo comércio da cidade, hoje patrimônio público tombado<sup>5</sup> e aberto à visitação. Eram prédios de arquitetura única, bem conservados, mantidos intactos com seu mobiliário centenário que sofria a constante ameaça de cupins. Fora o *big bang* da cidade, seu início, hoje não passava de um beco muito úmido e escuro, freqüentado pelos viciados da cidade para consumirem drogas na calada da noite, motivo pelo qual era conhecido como “o buraco”.

O delegado não adentrou a ruela com sua viatura, não queria comprometer o local, destruindo valiosas pistas, apesar de saber que o policial que fazia a patrulha das proximidades fora enviado até ali justamente para fazer os levantamentos preliminares e isolar a cena do possível crime.

– A coisa é séria, *chefia!* – disse o policial de descendência alemã, conduzindo o delegado até onde se encontrava um homem prostrado.

– Quem encontrou o corpo? – perguntou Set.

– O vigia aqui dos prédios. Ele disse que ouviu sons estranhos e veio conferir o que *estava pegando*. Seu nome é... – e o jovem policial consultou um bloco de anotações que trazia consigo – Amadeo Padilha. Ele está ali no *bivaque*...

– Essa é nova – interrompeu Set, referindo-se a mais essa gíria utilizada pelo sorridente policial. – Por acaso você está se referindo à guarita?

– É isso aí, *chefia!* – e o policial abriu um largo sorriso. – Ah! O *quatro-olhos* chamou uma ambulância porque não sabia se o homem estava morto...

– Você não tem jeito! – disse, ao mesmo passo que olhava para Amadeo, confirmando que se tratava de uma pessoa baixa e magra, que usava salientes óculos.

– Mas o *peixe*, desde que cheguei, não se mexeu. Acho que *bateu as botas*. – disse Reinaldo parado ao lado do corpo e completando seu raciocínio sobre a ambulância.

O delegado acorcorou-se ao lado do “*peixe*”, examinou-o de perto e tocou-o, sentindo sua baixa temperatura. Imediatamente concluiu que a equipe médica poderia ser dispensada porque uma grande mancha vermelha tingia a camisa da vítima, chegando ao colarinho, além da visível palidez das faces denunciar o óbvio. O cadáver parecia ser de um homem entre 40 e 45 anos, branco, vestido de terno lilás e com uma gravata amarela.

– Vai ver que o mataram por causa de seu mau gosto – murmurou. Reinaldo sorriu levemente.

O homem estava deitado ao longo da calçada, de barriga para cima, com um grosso livro negro – que trazia em sua capa, em letras douradas, a inscrição *Bíblia Sagrada* – sobre seu tórax e com as mãos unidas sobre o abdômen, como se estivesse orando. Sua posição era muito parecida com a que são colocados os corpos em caixões a título de serem expostos à velação e posterior enterro. Um frio percorreu a espinha do delegado: a cena era macabra, quase demoníaca.

– Isso não está me cheirando nada bem... Afinal, o vigia viu alguma coisa ou não? Alguma testemunha ocular? – perguntou enquanto colocava-se em pé novamente.

– Não. Ninguém. Quando Amadeo chegou tudo estava concluído. O senhor está ligado que esta é uma rua bastante violenta à noite e nesse horário está sempre deserta. O vigia somente ouviu um barulho de movimentação de pessoas. Perguntei se ouvira gritos ou discussões e ele respondeu negativamente. Quando saiu de sua *casinha* viu o “*peixe*” no chão e nada mais. O assassino já havia espalhado.

Set olhou a esmo na busca de informações relevantes ao caso quando avistou, chegando ao local, a ambulância e mais uma viatura de polícia trazendo consigo Eduardo Samuelli, o fotógrafo contratado pela delegacia para registrar as cenas de crimes na cidade.

– Falando em “*peixe*”, lá vem nosso mulherengo pescador – brincou Set referindo-se ao pouco ambicioso fotógrafo que adorava o ar livre, acampar e pescar. Ah! E mulheres... Adorava e vivia cercado de muitas mulheres.



– O que *está pegando, chefia?* – fez graça Eduardo, motejando de Reinaldo e fazendo um trejeito com as mãos e a boca.

– Boa noite, Eduardo – e Set não conseguiu conter um sorriso ocasionado pelas feições de Samuelli ao imitar o policial. Realmente a grande quantidade de gírias utilizadas por ele, às vezes, era cômica. –

Após fotografar a cena do crime, libere o cadáver para ser levado ao Instituto Médico Legal.

– Ok... Gosto estranho, né? – comentou o fotógrafo, apontando para as roupas do cadáver, e concluiu: – Talvez até o coloquem na página de moda do jornal...

Em virtude da movimentação de viaturas e policiais, juntaram-se na cena do crime alguns curiosos. Set então pediu a Reinaldo:

– Inquiria o pessoal sobre o acontecido e descubra se alguém viu algo que possa nos interessar.

– É pra já, *chefia!*

Enquanto Eduardo fotografava, o delegado olhou para o corpo na calçada e indagou-se sobre o motivo dessa pessoa, bem vestida apesar das cores, estar a essa hora num local tão perigoso à noite. “Deve ter vindo comprar drogas”, pensou. Perto do beco havia um ponto de venda de narcóticos, uma boca de fumo.

– Estranho... Que diabos está acontecendo? O que essa bíblia está fazendo aí? – pensou alto o delegado, que colocou um par de luvas cirúrgicas nas mãos, abaixou-se e pegou a bela obra sagrada para examiná-la.

De acordo com Reinaldo, os transeuntes presentes não haviam visto nada relevante. Alguns, como era de praxe, inventaram histórias mirabolantes: um velho senhor, de barba grisalha e abraçado a uma garrafa de cachaça, disse ter visto um raio, vindo do céu, que atingira e fulminara a vítima; uma senhora disse que os assassinos foram os mesmos alienígenas que a abduziram meses atrás. O testemunho mais estranho foi o de um senhor, com trajes de mendigo que, com o olhar vítreo e apavorado, somente repetia: “Foi... o capeta... foi o... capeta...”. Nenhuma informação confiável. O policial começara a anotar os nomes e endereços dos informantes em seu *caderninho*, mas após a história do capeta, cujo narrador não possuía residência, desistira.

– Reinaldo! – disse o delegado. – Não se esqueça de conduzir o vigia para prestar depoimento na DP – o policial respondeu afirmativamente com um movimento da cabeça.

Após a feitura do levantamento fotográfico, o corpo foi levado até a ambulância para ser encaminhado ao IML.

– Vê se vai devagar, não há por que correr nem fazer alarde. O homem já está morto – disse Eduardo ao motorista do veículo que transportaria o cadáver.

– Motoristas que atendem emergências não podem ser muito calmos nem maricas! Além disso, adoro o barulho da sirene! – retrucou o condutor.

A ambulância, guiada por Michael Fagundes, teve pouca dificuldade para deixar a cena do crime. Ele era famoso por dirigir freneticamente, por isso o comentário do fotógrafo. Era o mais rápido motorista, sempre fazendo loucuras no trânsito. Por duas vezes já havia capotado a ambulância e por sorte em nenhuma delas havia passageiros. Sempre dizia que devia guiar rápido porque “assim é que se salvam vidas”. Nunca fora despedido porque realmente chegava com os pacientes ao hospital a tempo de salvá-los.

– Que cara doido... Vai acabar se matando – pensou alto Set enquanto seguia a ambulância até o Instituto Médico Legal. Queria estar presente na necropsia. Nem mesmo precisou ligar a sirene de sua viatura, Michael ligou a da ambulância a todo volume.

O IML era um prédio antigo, de dois andares, pintado de branco, porém desbotado pelo tempo e pelas chuvas. Tinha um grande portão de entrada, sendo possível chegar com um veículo até sua porta de acesso principal. Set o considerava um prédio sem graça porque não tinha saliências, era literalmente uma caixa com as janelas e portas chapadas. Uma construção sem o menor estilo. Ele a chamava de armazém de mortos.

Michael e os paramédicos transferiram o corpo para uma das macas do Instituto e a colocaram numa ante-sala da sala de necropsias, imediatamente deixando o local pois tinham de atender a um novo chamado de emergência.

O delegado não gostava do IML, começando por seu exterior, gostando menos ainda de seu interior, “um local frio e cheirando a morte”, como ele próprio referia-se. As gavetas refrigeradas nas quais eram mantidos os cadáveres lhe provocavam náuseas. Mas o que odiava acima de tudo era o frio, fétido e pesado odor de putrefação dos corpos mesclado ao forte cheiro do formol.<sup>6</sup>

– Olá, doutor Amaro. Continua não passando as noites em casa? O senhor não está muito velho para isso? – perguntou, amigavelmente. Amaro Pereira Telles era o médico-legista que há anos atendia o plantão da madrugada.

– Mas estou em casa! – respondeu o médico de cabelos grisalhos, olhando para o delegado por cima de seus óculos que, irremediavelmente, estavam na ponta de seu nariz. – O que temos nesta noite? – perguntou, com sua peculiar paciência, já se dirigindo para a ante-sala onde estava o cadáver.

Após trazer a maca para a sala de necropsias propriamente dita, e com a ajuda do delegado transferir o corpo para a mesa de necropsia,



Amaro começava a despir a vítima para prepará-la, quando Set disse, interrompendo seu trabalho:

– Dê-me um minuto. Antes de iniciarmos quero examinar as roupas da vítima.

Solicitou ao médico e posteriormente colocou nas próprias mãos um par de luvas cirúrgicas para não deixar suas digitais marcadas. Odiava manusear cadáveres, mas em sua profissão isso não raramente era preciso.

Após atenta busca, no bolso interno esquerdo do casaco encontrou documentos assinados de uma ação ordinária de divórcio direto de Ivo Heráclito Lopes e Ana de Sousa Lopes, datada de três anos atrás. O restante do casaco, afora a sujeira e o sangue na lapela esquerda, não apresentava nada de incomum. Retirou o paletó da vítima com a ajuda de Amaro e constatou que a camisa estava, além de manchada de sangue, com um furo na altura do coração.

Ao examinar a calça, encontrou uma carteira de documentos. Abriu-a e notou que o talonário de cheques, os cartões de crédito e as cédulas não haviam sido roubados. Após olhar a carteira de identidade e comparar a foto ali disposta e o rosto do cadáver, concluiu que o corpo era mesmo de Ivo Heráclito Lopes. Aparentemente a carteira nem mesmo fora tocada pelo assassino.

Não encontraram nenhum narcótico. Isso não provava coisa alguma porque era óbvio que se fora morto por um traficante este não deixaria as drogas. Porém, a permanência da carteira descartava a hipótese... Aquele certamente a levaria, porque dinheiro é o verdadeiro cerne do tráfico de entorpecentes. “Esse crime está a cada momento mais esquisito”, pensou.

Após colocar a carteira e os papéis em sacos plásticos devidamente identificados para a verificação de impressões digitais, pediu para que o médico-legista procedesse, finalmente, à necropsia.

Despido o cadáver, foi constatado um ferimento de aproximadamente 10 cm de profundidade por 5 cm de largura que perfurara o coração, causando morte instantânea.

– Tem alguma idéia sobre qual foi a arma utilizada, doutor?

– Possivelmente algum tipo de estaca com a ponta em forma de cunha – respondeu Amaro, que continuou –, mas o ferimento é peculiar: a palanca não deve ser lisa. Sua introdução dilacerou tecidos, causou um enorme hematoma e luxação nas costelas. Se observarmos esta em que raspou, veremos que foi arranhada e trincada, como se a superfície da

estaca fosse irregular, áspera. Mas isso não é mais estranho do que o fato de as unhas da vítima estarem limpas...

– Continue...

– Sempre que duas pessoas entram em confronto corporal, como você bem sabe, geralmente debaixo das unhas ficam resíduos das roupas ou até mesmo da pele do agressor, pois a vítima o arranha ou o tenta afastar, coisas desse tipo. Neste caso, não há nada sob as unhas.

– Não houve confronto corporal... Também nada foi roubado... – e fez momentânea pausa. – Bem... Definitivamente não foi um latrocínio.<sup>7</sup>

– Pode ter sido vingança – disse o médico-legista.

– Não creio. Se fosse vingança o assassino teria usado um revólver, algo muito mais fácil do que utilizar uma estaca. Caso optasse por utilizá-la, não teria dado uma só estocada e não teria sido tão certo, porque vingança remete à violenta emoção. Ele estava calmo e sabia exatamente o que estava fazendo...

Ambos fizeram um breve silêncio, denunciando o funcionamento de seus cérebros à cata de uma explicação racional para o fato.

– Uma estaca! – falou Set ao mesmo tempo rindo e decepcionado. – Que barbaridade... – murmurou. – Será que a vítima não era um vampiro? – brincou, agradeceu a atenção do médico e saiu.

Dali rumou direto para a DP. Lá chegando, enviou ao Instituto Geral de Perícias Criminais – sediado na cidade, ao lado da delegacia de polícia – os pertences da vítima para que se procedesse a coleta das digitais. O IGPC tinha estreito vínculo com a DP, sempre atendendo prontamente as requisições do delegado porque fora ele que conseguira a oportunidade da instalação, na cidade, da autarquia<sup>8</sup> que atendia todo o Estado.

Aproveitou a calma do horário para botar em dia alguns procedimentos internos. Passadas poucas horas, o laudo pericial sobre os pertences de Ivo informou que não foram encontradas quaisquer impressões digitais além das da própria vítima. Realmente a carteira não havia sido nem mesmo tocada pelo assassino, literalmente.

A sensação deixada pela cena do crime era a de que o homicida nem mesmo estivera lá, pois inexistiam rastros ou marcas de qualquer sorte, a não ser dos pneus das viaturas da delegacia. O assassinato havia sido planejado nos mínimos detalhes e executado com maestria. “Isso é preocupante. Ninguém se dá ao trabalho de cometer um crime assim a menos que tenha um forte motivo. E a inexistência de confronto corporal? Incomum, tendo-se em vista que utilizou uma arma branca”,<sup>9</sup> pensou, enquanto olhava para a bíblia depositada sobre sua mesa. Pegou-a e

folheou-a com a intenção de encontrar alguma pista, mas não havia nada marcado ou rasurado. Era uma obra de uma edição recente e de conhecida editora, sendo humanamente impossível rastrear sua compra. Ela também havia sido enviada para a coleta de digitais e estava *limpa*. Nada, além do cadáver e do livro sagrado, era sólido indício nesse assassinato.

Após meditar aleatoriamente sobre o caso, foi para casa descansar um pouco. Estava quase amanhecendo. A lua crescente sumia no horizonte, dando espaço para o astro-rei. A temperatura estava amena mas preludiava um dia bastante quente.

Dormiu por três ou quatro horas e acordou de sobressalto enquanto sonhava com o assassino. O estranho era que ele não parecia ser uma pessoa e sim uma mescla de homem e animal, algo bizarro, sobrenatural. Set não conseguira identificar seu rosto, por mais que tentasse. “Pesadelos!”, pensou alto enquanto acariciava Minerva.

Após o despertar de sobressalto, tomou banho e foi para a DP. Durante o restante da manhã tentou, improficuamente, encontrar algum tipo de pista que o levasse ao assassino. Não havia nenhum alicerce para iniciar sua pesquisa a não ser a vítima, a qual investigou e descobriu ser uma pessoa dentro dos parâmetros normais de conduta, sem inimigos capitais ou desavenças que merecessem atenção. Era um pequeno empresário aparentemente bastante caseiro e pacato apesar de ter chegado aos ouvidos do delegado a informação de que, outrora, tivera uma amante que fulminara seu casamento. Set ventilou a hipótese de um crime passionai por parte da ex-esposa, mas o divórcio não era recente: datava de mais de três anos, o que implicava que a separação de fato ocorrera pelo menos há cinco anos.<sup>10</sup> Fazia muito tempo. Para certificar-se, contatou Veruska, a ex-esposa. Ela estava novamente casada, residindo noutra cidade e fora surpreendida e ficara chocada ao ser informada da morte de Ivo. Esclareceu que não havia deixado sua cidade na noite do crime, passando-a com seu novo marido. Tinha um álibi,<sup>11</sup> o que desmoronava a hipótese do crime passionai.



– Este calor, aliado à excessiva umidade relativa do ar, parece dificultar a respiração. Não sei... O ar parece pesado, como se o diafragma<sup>12</sup> estivesse esforçando-se ao máximo para trazer oxigênio aos alvéolos pulmonares<sup>13</sup> – comentou o delegado enquanto fazia uma pausa para um cafezinho. A temperatura havia superado a expectativa. O sol parecia sorrir para a cidade, pois brilhava majestoso no céu.

– É verdade. Este clima é propício a causar inúmeros problemas respiratórios – completou o policial Rafael Junqueira.

– Não sei dizer se é por causa do clima ou do assassinato que estou com um ligeiro mal-estar. Acho que é esta porcaria de tempo mesmo...

Na DP trabalhavam vários servidores públicos. O mais próximo – e braço direito do delegado – era um jovem inspetor chamado André Paculla, um rapaz inteligente mas assaz desligado. Fato digno de nota acerca desse desligamento foi o episódio que teve azo no dia em que trouxera o suspeito de um crime para passar a noite detido. Qual não foi a surpresa ao constatarem que ele se esquecera de trancar a cela! Sorte que o preso não notara. Todos os seus colegas sabiam que não podiam deixá-lo sair por último da delegacia, com a responsabilidade de fechá-la, porque possivelmente não o faria, por puro esquecimento!



– A cada dia parece que você está mais alto e mais forte... Anda comendo fermento ou consumindo anabolizantes,<sup>14</sup> rapaz? – brincou Set com André, referindo-se aos seus quase dois metros de altura e constante crescimento da massa muscular.

– Muita malhação, doutor... *Puxando muito ferro...*

– Sei... Onde você estava nesta madrugada? Liguei para sua casa por volta das 3 h da manhã e ninguém atendeu... Celular desligado...

– Estava na casa de uma gatinha... Sabe como é... *Malhando...* – respondeu, sorrindo.

Naquela tarde ambos debateram o crime, examinaram os documentos e as fotografias tiradas por Eduardo, e o inspetor igualmente não conseguiu chegar a nenhuma conclusão animadora. A rede fática e circunstancial que envolvia a morte de Ivo Heráclito na ruela do Antigo Comércio não evidenciara provas nem indícios quanto ao homicida.

– Em virtude da limpeza do local e da bíblia, estou convencido que o crime foi cometido com um forte propósito em mente e que essa morte é apenas o começo do que está por vir... – comentou, preocupado, Set.

– Talvez – respondeu André.

Os dois passaram o restante da tarde e início da noite trabalhando em outros casos pendentes na DP. Quando passava um pouco das 19h 30min decidiram que iriam para suas casas.

Ao saírem do interior do prédio e alcançarem a rua, André olhou para o céu límpido, avistando uma brilhante estrela. Indicou, sabendo do conhecimento do amigo sobre astronomia, e perguntou:

– Você sabe que estrela é aquela?

– Qual? – e Set mirou o infinito na direção em que o inspetor estava apontando. – Sírius. Vista da Terra, a olho nu, é a estrela mais brilhante do céu.

– É a mais brilhante por ser a mais próxima, afora o sol?

– Não. A mais próxima, após o sol, como bem lembrou, é a Alfa de Centauro.

– Alfa... – disse André levando um dos dedos até a boca, demonstrando que estava pensando. – Tem outras estrelas também chamadas de Alfa, não é verdade?

– Sim. O nome Alfa é dado à mais brilhante estrela de uma constelação. Por exemplo, na constelação do Centauro, sua estrela mais brilhante chama-se Alfa do Centauro; na constelação do Cocheiro, a mais brilhante também é chamada de Alfa, porém, Alfa do Cocheiro, e assim por diante.

– Interessante. Não sabia disso. Boa noite – disse André, confirmando sua admiração por seu chefe e despedindo-se.

A ausência de nuvens no céu propiciava a observação dos corpos celestes, além de a lua crescente ser uma visão belíssima. Motivado pela pergunta de André, o delegado mal pôde controlar sua ânsia para chegar em casa e preparar seu telescópio para passar várias horas a vislumbrar estrelas.

A preocupação com o fato de alguém possivelmente vê-lo nem mesmo cruzava seus pensamentos: isso não faria diferença, seria até bom. Olhou para o homem morto na calçada e fez um diabólico sinal da cruz.

Seu tamanho era descomunal. Enquanto fazia os últimos preparativos para deixar o local, falou baixinho, com uma voz gutural, grave, quase incompreensível:

– “Dente lupus, cornu Nosferatus petit.”<sup>15</sup>

Apesar de o condicionador de ar estar ligado e fazendo barulho, o telefone acordou Set. Era madrugada da sexta-feira. Olhou para o relógio: 1h 47min. Havia ficado observando o céu até quase a meia-noite. Parecia que dormira somente alguns minutos.

– Mas não me dão sossego... – murmurou. – Sim?!

Uma voz grave, calma e metódica informou:

– Delegado, aqui é a viatura 23, policial Clóvis Ciqueira falando: temos identificação positiva de um homicídio.

– Continue... – respondeu, esfregando os olhos, ainda acordando.  
– Neste momento estou acompanhado do policial Reinaldo Lúcido que informa que esta vítima definitivamente tem ligação com a da noite anterior, encontrada na rua do Antigo Comércio, o que motivou esta ligação em horário tão impróprio...

– Não tem problema, Clóvis – respondeu, sorrindo da maneira sempre formal e distinta com que o policial se comunicava. – Deixe-me falar com Reinaldo.

– Ao vivo, *chefia*...

– Desembucha...

– É 121<sup>16</sup> de novo... e o presunto está com uma bíblia igual à do outro sobre o peito... Que maluquice...

– Que rua?

– Félix da Cunha, na altura do número 505, bairro Floresta...

– Estou indo! – e o delegado desligou o telefone. Suas gatas, que dormiam sobre a cama, acordaram com sua frenética movimentação. Por pouco não saiu com as roupas que dormia, tamanha sua ânsia em chegar à cena do crime.



– Que porcaria de calor! – reclamou para si mesmo enquanto se dirigia para sua viatura, que sempre deixava do lado de fora da garagem para não perder tempo em caso de alguma emergência. Novamente teve a nítida impressão de que algo pairava no ar, como que à espreita, aguardando o momento oportuno para mostrar sua verdadeira cara.



Ao chegar, deparou com uma cena parecida com a da noite anterior: o cadáver prostrado na calçada, de barriga para cima, sem camisa, bíblia sobre o esterno, mãos em oração e uma perfuração na altura do coração. A maior e flagrante diferença era que este “*peixe*” estava enrolado num pelego,<sup>17</sup> além de aparentar, pelas feições, ser descendente ou imigrante do Oriente Médio ou de algum país adjacente. No local estavam Clóvis, Reinaldo e alguns transeuntes.

A rua onde ocorrera esse assassinato era bastante pacata. Um bairro de classe média alta, com famílias educadas e aparentemente gentis, com suas casas com jardins bem cuidados, calçadas varridas, árvores podadas e inúmeros problemas conjugais. Imediatamente Clóvis veio ter com o delegado:

– Boa-noite, doutor. O senhor quer que eu inquiria as residências circundantes para descobrir se alguém testemunhou o ocorrido?

– Boa-noite. Ainda não, Clóvis. Deixe-me avaliar a situação primeiro. Não quero alarmar a população nem causar pânico, a menos que seja necessário – após dizer isso, deu alguns passos e olhou ao redor, buscando qualquer indício.

– O que o senhor está pensando, delegado? – perguntou o sempre interessado policial enquanto Reinaldo formava um perímetro de segurança para que nenhum dos curiosos que estavam chegando ficasse muito perto do cadáver, pois Eduardo ainda não o tinha fotografado.

– Confesso que estou preocupado. As semelhanças entre os crimes e a mesma maneira de execução indicam claramente que estamos diante de um assassinato em série... – e deu um longo suspiro.

– Isso não é nada bom porque o criminoso não vai parar até que o encontremos ou atinja sua meta bizarra, seja ela qual for, o que certamente custará a vida de muitas pessoas inocentes – completou Clóvis.

– Sim. *Serial killers*<sup>18</sup> matam com um propósito firme em mente, e na maioria das vezes dizem-se guiados por Deus, por uma vontade divina, por um sentimento de vingança ou para, supostamente, ensinar uma lição ao mundo. Observando as duas mortes pude notar claramente o cunho religioso dos acontecimentos, o que me faz concluir que o bandido tem um motivo bem definido para estar cometendo tais atrocidades. Mas isso tem um lado positivo, pois descobrindo o motivo ficará mais fácil encontrar uma maneira de agarrá-lo.

– *Ô louco, meu!* – exclamou Reinaldo enquanto examinava mais atentamente o cadáver. – *O filho da puta é tarado! Olha isso aqui, chefia!*

Com o grito do policial, Set e Clóvis correram até onde estava e puderam compreender o que chamara a atenção do colega: a vítima estava totalmente nua! Isso era inusitado!

– Não creio que seja um tarado... Um louco, com certeza, mas não um tarado... Ele está querendo nos dizer alguma coisa, que ainda não sei o que é... – falou Set.

– O senhor viu esse barato ao lado do “*peixe*”? Que diabos será isso? Macumba? – perguntou Reinaldo apontando para um objeto dourado lindamente ornamentado, depositado ao lado da vítima. Clóvis limitou-se a sorrir.

– Parece-me ser um turbulo...

– Ahã... – respondeu Reinaldo. – ... E?

– Turíbulo é o objeto utilizado em igrejas para nele queimar-se incenso – e Set abaixou-se para cheirá-lo. – A julgar pelo odor, deve estar cheio de mirra, uma resina odorífera e medicinal retirada de duas árvores da família das burseráceas, típicas da Turquia e da Arábia...

– Hum... – respondeu Reinaldo que intimamente pensou: “Ele deve ter inventado isso agora. Ora mirra-burse-o-que-Turquia!”.

– Reinaldo: veja se descobre alguma coisa entre o pessoal que está chegando, e você, Clóvis, converse com os moradores que estiverem acordados... Descubram algo! – ordenou, enquanto continuava a examinar o cadáver.



– Não temos testemunhas oculares, doutor – disse Clóvis.

– Ninguém viu nada, de novo? – perguntou, indignado, aos dois policiais.

– Infelizmente não, *cheffa* – confirmou Reinaldo, sendo que Clóvis afirmava o dito balançando a cabeça.

– Mas isso é impossível! Dois crimes e nenhuma testemunha ocular! Patético! Um *sujeitinho* louco mata duas pessoas, sendo que uma ele pela e enrola numa porcaria de um pelego, deixando ambas no meio do passeio público – e neste ponto elevou consideravelmente seu tom de voz – e NINGUÉM VIU PORRA NENHUMA? Inacreditável! – e calou-se momentaneamente para recobrar o fôlego, concluindo. – Alguém sempre vê alguma coisa! Precisamos de um retrato falado! Onde está Eduardo? Ligaram para André?

– Eduardo está a caminho, assim como a ambulância, doutor, mas não consegui contatar o inspetor, que não está em casa e seu celular está desligado... – respondeu o eficiente Clóvis.

– No mínimo está ocupando a *cabeça de baixo!* – completou Reinaldo.



Durante o levantamento fotográfico, com a ajuda de Eduardo e Reinaldo, Set desvencilhou o cadáver da pele de carneiro que o envolvia, constatando que a vítima apresentava inúmeras lesões e cortes pelo corpo, denunciando os possíveis atos de tortura pelos quais passara. O mais intrigante era que, estranhamente, alguns ferimentos já estavam em avançado grau de recuperação, sendo que outros já haviam, inclusive, cicatrizado.

Eduardo fotografou tudo detalhadamente, dando especial atenção às lesões recentes e às cicatrizadas. O delegado ateu-se por alguns mo-



mentos a examinar a perfuração torácica, notando que era idêntica à da noite anterior.

– Não restam dúvidas, senhores – concluiu –, sobre o fato que o autor dos dois crimes é o mesmo, assim como possivelmente a arma utilizada para fazê-lo. O que me pergunto é que tipo de pessoa doente cometeria tais atrocidades, e por quê?

– Dessa vez o cabra roubou a vítima, *chefia*, pois ela está pelada! – disse Reinaldo. Set e Eduardo não conseguiram distinguir se o policial estava brincando ou falando sério.



– Doutor! Encontrei roupas, uma carteira e alguns pertences que me parecem ser da vítima... – disse Clóvis.

– Deixe-me ver. Onde os encontrou?

– Na lixeira daquela casa ali – disse, apontando para uma residência a não mais de 10 metros. – Estavam bem à mostra.

Olhando o que o policial encontrara, pôde constatar, pelo passaporte, que a vítima era natural da Turquia e identificava-se por Jamal Kahil Ajij. Chegara ao país há um mês.

– Um turista! – concluiu, pois a cidade era litorânea e com belas praias. – Que baita bosta!

Os policiais vasculharam atentamente toda a área na esperança de encontrar alguma marca, qualquer traço do assassino. No entanto, nada encontraram, exatamente como acontecera no crime da noite anterior.

– Dá para acreditar numa coisa dessas!? – exclamou, incrédulo.

– No que, *chefia*? – perguntou Reinaldo.

– NISSO! – respondeu, apontando para a vítima ao mesmo tempo em que apontava para a cena do crime. – Dois assassinatos e nenhuma pista! Esse desgraçado é bom! É muito bom! Mas ele vai errar e eu vou pegá-lo! – Set transpirava excessivamente, tanto por nervosismo como pelo calor sufocante da noite. – E como se isso não bastasse, ainda há essa merda deste calor! – bradou, enxugando sua testa com a manga da camisa, irritadíssimo.

Nesse momento várias casas começavam a acender suas luzes, alguns moradores haviam acordado em virtude da movimentação de viaturas e da conversação entre os policiais na rua.

– Apressem a retirada do corpo. Não quero que os moradores o vejam.

O cadáver já havia sido removido e Michael o estava levando para o IML. Set entrou, furioso, em sua viatura e deixou a cena do crime para ir falar com doutor Amaro.



– Alguns dos ferimentos foram infligidos há, pelo menos, uma semana, sendo que outros são bastante recentes, possivelmente desta noite mesmo... – disse preocupada e confusamente Amaro.

– E a arma do crime?

– A mesma; perfurações idênticas – respondeu, e não conteve sua inquietação e exclamou. – Ele foi torturado, Deus do céu! Violentamente, para ser mais exato.

Set assentiu com a cabeça, perguntando:

– O senhor conseguiu identificar o tipo de tortura utilizada?

– Não estou bem certo. Nitidamente em alguns pontos ele foi arranhado, e noutros parece ter sido... Como posso dizer... Apertado!?

– Apertado? Que tipo de tortura é essa, doutor? Apertado com o quê?

– Aparentemente com as próprias mãos do assassino... Mas ninguém possui mãos tão grandes e fortes. Algumas costelas foram quebradas... – e Amaro apontou para o tórax da vítima. – Muito estranho. Olha que para me surpreender não é fácil!

Olhou para a vítima e entendeu precisamente o que o doutor estava querendo lhe dizer: havia, no tronco do cadáver, escoriações que realmente se pareciam com dedos e palma da mão, entretanto, deformada e gigantesca. As marcas denunciavam que o assassino teria colocado seu polegar da mão direita 10 centímetros abaixo da axila direita da vítima e pegado as costelas abaixo da axila esquerda com as pontas dos dedos da mesma mão. Totalmente impossível: o matador deveria, então, possuir uma mão de mais de meio metro!

– Não... Não é possível... – respondeu incertamente Set –, deve ser outra coisa. Ninguém possui uma mão tão grande. Esses ferimentos devem ter sido provocados por um instrumento de tortura que obviamente desconhecemos. É fato verídico que nos tempos áureos da inquisição católica os inquisidores tinham uma mente extremamente fértil para construir instrumentos que propiciassem a maior agonia física possível às pessoas que subjugavam. O assassino, esse louco, possivelmente encontrou algum desenho ou ilustração de um desses instrumentos medievais de tortura e o construiu para massacrar o pobre homem. Deve ser isso.

– É. Faz sentido – disse Amaro sem qualquer convicção.

Após o término da necropsia, Set brincou, tentando descontrair o ambiente:

– E essa barriginha, doutor... Cada vez que o vejo tenho a impressão de estar aumentando...

– Cervejinha... – disse, enquanto dava alguns tapinhas sobre seu abdômen. – Eu deveria manear, mas é difícil...

– Dr. Amaro! Qual o verdadeiro nome do Papa? – gritou Francisco de Assis, o assistente do médico, um rapaz que estava confortavelmente sentado numa poltrona na sala ao lado da de necropsias, fazendo palavras-cruzadas:

– Como é que eu vou saber, seu piá-de-merda? – gritou o médico-legista. – Esse guri vive fazendo essas porcarias de cruzadinhas e me perguntando coisas absurdas. Não agüento mais!

– Carol Wójtyła – respondeu Set em boa voz. – Até mais ver, doutor.

– Carol, Carol... – Francisco ficou resmungando para si mesmo. – Bem capaz que o Papa teria um nome desses... de mulher... Carol... Carol... ihhh... acho que é mesmo! – Carol O QUÊ? – gritou.

Ao chegar na DP passava das 4 h. Encaminhou todos os pertences da vítima, a bíblia, o pelego e o turíbulo para o levantamento de digitais pelo plantão do IGPC. Pediu urgência. Não acreditava que as encontrassem, assim como no primeiro crime, porque obviamente o assassino estava tomando o cuidado de não deixar pistas sobre sua identidade. Mas devia tentar.

Sobre sua mesa repousavam várias pastas de inquéritos, uma das quais contendo a investigação do assassinato de um rapaz, Eduardo Torrel, conhecido por seus amigos como Dado. O caso era de um acidente de automóvel, sendo, o carro da vítima, envenenado, com o motor repotenciado em virtude de um turbo compressor. Por causa disso, do horário do acidente (aproximadamente às 3 h da madrugada de sábado) e do local (uma reta de mais de três quilômetros no acesso à cidade, famosa por acolher os *velozes*), estava convicto que Eduardo estava participando de um racha<sup>19</sup> contra outro veículo, que possivelmente havia dado um “totó”<sup>20</sup> em seu carro, desgovernando-o e dando causa ao acidente. Essa conclusão parecia acertada porque o veículo que a vítima conduzia estava com um estranho amassado perto da sinaleira traseira esquerda, que definitivamente não fora causado pelo acidente.

Em virtude dos dois crimes envolvendo as bíblias, determinou que um inspetor se encarregasse da investigação do caso de Dado. Queria dedicar-se exclusivamente àqueles novos eventos. Pressentia que não seria fácil encontrar o assassino e que possivelmente as mortes continuariam acontecendo.

As ruas continuavam desertas ao voltar para casa. Ao adentrar seu quarto constatou que havia deixado o condicionador de ar ligado e agradeceu o esquecimento, porque a temperatura do ambiente estava extremamente agradável, ao contrário do terrível calor na rua. Suas gatas permaneciam dormindo na exata posição em que as deixara, alheias a sua movimentação noturna.

Após retirar Andaya de cima de seu travesseiro e Minerva do meio da cama, deitou-se. Apesar de passar das 4h 50min da madrugada da sexta-feira, não conseguia dormir e começou a tentar juntar, mentalmente, algumas peças desse quebra-cabeça que era os assassinatos. Por que o assassino havia torturado somente uma das vítimas? Por que deixava uma bíblia no peito dos cadáveres? O que ela significava? E o turbíbulos, o que queria dizer plantando-o na cena do crime?

Apesar de a temperatura do quarto estar agradável e de gostar do ruído do condicionador de ar, som que embalava seu sono e lhe propiciava agradáveis noites de descanso, mal conseguiu dormir naquele restante de noite. A brutalidade dos assassinatos o deixara perplexo apesar de estar acostumado a investigar crimes atrozes. As marcas no tórax de Jamal, a falta de suspeito e o desconhecimento do motivo dos crimes estavam lhe tirando a tranqüilidade. O criminoso estava vencendo.

*Ela estava desacordada. O forte vento e as descargas elétricas que iluminavam o céu emprestavam um tom macabro à cena. Ele a ergueu pelo pescoço, que sumiu por detrás de seus gigantescos dedos, sustentando-a no ar, e bradou demoniacamente:*

*– “Dulce et decorum est pro Christi mori.”<sup>21</sup>*

Ao terminar a frase, com a outra mão traspassou, com um objeto brilhante, o coração da mulher.

Assim que acordou, a primeira coisa que veio à sua mente foram as marcas no tórax da vítima. Aquilo o havia deixado apreensivo porque realmente se pareciam com uma mão, mas não humana. Racionalmente concluiu que se tratava somente de uma falsa percepção óptica, uma

coincidência ou um ferimento causado por um instrumento de tortura da idade das trevas,<sup>22</sup> mas não tinha certeza.

Passava das 10 h da manhã da sexta-feira quando deixou sua casa para dirigir-se à DP, certo de que o mormaço e o calor o castigariam o dia inteiro.

– Mas que diabos houve... – disse para si mesmo, surpreso, referindo-se à baixa temperatura que estava na rua. Claro! Dormira o restante da noite com o condicionador de ar ligado e não notara a brusca queda de temperatura que ocorrera. “Que tempo maluco!”, pensou. Mas a mudança o agradava.

O dia estava cinzento, o céu carregado de cúmulus-nimbos. Um forte vento frio anunciava a chegada de mais uma frente fria, motivo da vertiginosa queda de temperatura. Isso implicava irremediavelmente chuva, sem tardar. O choque da massa fria de ar polar com o seco ar tropical precipitava não raramente granizo, inimigo número um das propriedades rurais vizinhas à cidade. As tempestades que ocorriam na região, de tempos em tempos, eram violentíssimas e responsáveis por prejuízos patrimoniais de grande monta à população e à Prefeitura Municipal.

Segundo o laudo do IGPC não foram encontradas impressões digitais em nada ligado ao crime. Isso era desconcertante porque já haviam acontecido dois assassinatos e as investigações não tinham nenhuma pista sobre o bandido, o que era virtualmente impossível: alguma coisa sempre era esquecida, algum erro cometido, porque errar é inerente à natureza humana. Era somente uma questão de procurar nos locais certos, sabia disso.

– Ocupado durante a noite, inspetor? – perguntou, com cara de desaprovação.

– Pois é... – respondeu André, constrangido.

– Espero que nunca mais se repita. Não desligue seu celular durante a noite, por qualquer motivo que seja, ok?

– Sem problema. Não acontecerá novamente, prometo.

Os dois passaram o restante da manhã catando pistas que pudessem levá-los ao criminoso. Olharam atentamente as fotografias tiradas por Eduardo na esperança de encontrarem qualquer coincidência entre os assassinatos, mas não obtiveram êxito. Foram aos locais onde ocorreram as barbáries na expectativa de acharem qualquer coisa, mas encontraram nada. As duas vítimas não tinham, aparentemente, qualquer ligação, assim como as cenas dos homicídios. Entretanto, sabiam que eram

conexas e se conseguissem descobrir essa ligação seria mais fácil prever um possível terceiro assassinato. Essa previsão era o objetivo primeiro do delegado: pretendia evitar uma nova vítima.



– Mas é muito gostosa essa psicóloga... – disse o inspetor, comentando com Set e com o policial Roberto, referindo-se a Isadora Miranda, a psicóloga forense que trabalhava durante as tardes em conjunto com a polícia e que regularmente auxiliava a interpretar a personalidade dos criminosos que investigavam. – Estou até pensando em dar uma de louco só para fazer umas sessões com ela...

– Que idade ela tem mesmo? – perguntou Roberto.

– 27 aninhos... Tesão... Adoro mulheres *mignon*... Vocês já perceberam as pernas e a bundinha dela? Malha na mesma academia que eu... De biquíni é maravilhosa... – comentou André, com um brilho nos olhos enquanto acompanhava a chegada da estonteante morena.

– Isadora, *mon cherry* – disse Set –, André estava justamente comentando sobre você... – e o inspetor ficou mais vermelho do que um peru, como diria Reinaldo. Roberto saiu rindo.

– Posso imaginar... – brincou a psicóloga.

– Você está a par dos crimes das últimas noites?

– Sim. Ouvi alguns comentários...

– E o que você acha?

– É difícil prever a intenção do assassino. As bíblias deixadas com os cadáveres podem significar muitas coisas: que ele se julga a trabalho de Deus, que quer pregar um sermão ou vingar-se da cristianidade.... Pessoalmente, acredito que o livro sagrado transpareça que o homicida está tentando divulgar as palavras do Senhor por meio de seus crimes. Mas são somente hipóteses... O que, exatamente, pretende nos dizer, somente ele mesmo poderá esclarecer.

– Um completo pirado! – escarneceu André. – É só o que faltava no mundo: um assassino das bíblias!

– Para o entendimento técnico ele é doente, inspetor – respondeu austeramente Isadora, com sua voz sedutora. – Ele deve se achar a pessoa mais correta do mundo. Provavelmente acredita, realmente, que seus crimes têm um significado superior e que está servindo de instrumento à vontade Divina.

Os três conversaram por bastante tempo na tentativa de descobrir algum laço, um elo entre as vítimas. Buscaram traçar o perfil psicológico

do assassino, mas a escassez de dados impossibilitou uma conclusão satisfatória.



Em virtude do raciocínio agudo e apurado de Set, não raramente seus colegas lhe apresentavam charadas na tentativa de superarem seu culto intelecto. Naquela tarde, quando saiu de sua sala para tomar um copo de água no bebedouro da delegacia, o policial Augusto Carvalho abordou-o, perguntando:

– Todos sabemos que o senhor é bom em charadas. Tenho um desafio para lançar, se é que não tem medo... – brincou.

Todos os policiais no recinto fizeram silêncio. Isadora e André chegaram mais perto para ouvir melhor.

– Em absoluto, caro policial civil. Pode perguntar! – respondeu bem-humorado Set.

– A pergunta é bastante simples e sua resposta não pode ser nada fantástica, ok? – o delegado concordou somente balançando a cabeça. – É a seguinte: como é possível mover 5 toneladas com uma agulha? É claro que não pode dizer que apertaria os controles de um guincho com a agulha. Só pode usar a agulha e sua mão, mais nenhum apetrecho tecnológico ou de qualquer outra sorte – disse, deixando transparecer um sorriso entre os lábios.

– Cinco toneladas de quê?

– Do que você quiser! – respondeu Augusto. Set hesitou por alguns segundos e o policial, subestimando-o, falou:

– Eu sabia que o senhor não saberia a resposta! Essa pergunta ninguém acerta! – as pessoas que assistiam cochicharam acerca de possivelmente, afinal, alguém ter derrotado Set. Augusto era homem bastante inteligente e a charada era difícil. Eles todos não faziam a menor idéia de como mover 5 toneladas somente com um alfinete!

– Bem... – disse Set – as 5 toneladas podem ser qualquer coisa?

– Qualquer coisa! Escolha! – respondeu confiante o policial, que sorria deliberadamente. Sua alegria exacerbada não era gratuita: além da glória de vencer o delegado ainda havia um bolão, na DP, que já contava uma grande soma em dinheiro e que seria arrecadado pela pessoa que derrotasse Set com uma charada. O policial que quisesse formular alguma pergunta deveria depositar uma certa quantia na caixinha do bolão. Como Set ainda não tinha sido vencido, o dinheiro vinha acumulando.

– Bem, caro subordinado... Imaginemos que essas 5 toneladas sejam um enorme, empoeirado e balofo elefante...

– Ahhh... – gritou Augusto. André, fazendo graça, imitou o som de um elefante, fazendo de conta que seu braço era uma tromba.

– Apesar de sua pele dura – continuou Set –, estou convencido de que, com a devida força, uma agulha seria definitivamente capaz de movê-lo...

Set sorriu. Augusto ficou decepcionado. As pessoas que escutavam aplaudiram. Era definitivamente difícil vencer o delegado.

Passava um pouco da meia-noite de sexta-feira, já madrugada de sábado, e estava andando com sua viatura pelas ruas da cidade. Ligara o ar-condicionado do carro no “aquecer”, pois estava uma noite consideravelmente fria. Fazia mais de duas horas que estava vagando, observando se não via algo suspeito. Sabia que era virtualmente impossível encontrar o assassino dessa maneira, ao acaso, porém fazer isso ainda era melhor do que sentar-se na DP e esperar. Temia por encontrarem uma nova vítima a qualquer momento. Às 00h 17min interceptou, pelo rádio, um chamado feito em frequência aberta:

– Atenção viaturas... Atenção viaturas... Ocorrência no morro Mahal... Possivelmente homicídio...

Set estava nas imediações do morro quando ouviu o comunicado e imediatamente dirigiu-se para o local da ocorrência. Sua angústia e apreensão quanto a saber se era ou não mais uma vítima do assassino das bíblias, como dizia André, eram enormes.

O morro Mahal era um local desabitado, e de seu cume era possível ver toda a cidade. Tinha esse nome em alusão ao túmulo indiano Taj-Mahal,<sup>23</sup> e fora escolhido porque a elevação tinha, em seu ápice, uma enorme pedra em forma de abóboda, que lembrava o formato da cúpula do túmulo indiano. O morro era o típico local onde casais iam namorar, jovens iam fumar maconha e bandidos iam roubar os dois. O ponto de encontro era uma clareira rodeada por mata fechada, que terminava num penhasco de 80 metros de altura em relação à cidade, uma escarpa propícia à prática de rapel.<sup>24</sup>

A estrada era bastante sinuosa e íngreme, de terra batida, e era preciso andar vagorosamente. Não raros eram os acidentes causados pela imprudência dos motoristas. Set não conseguia controlar-se ao volante em virtude de sua ansiedade e quase *vouou* para fora de uma curva, pois a estrada estava muito escorregadia por causa da chuva torrencial da tarde. Teria sido um descuido irremediável. Havia um grande movimento de carros



descendo o morro. A princípio achou isso estranho, mas logo concluiu o óbvio: local deserto, jovens, drogas, álcool, menores guiando sem habilitação e polícia, eram coisas que não combinavam no mesmo local.

Lá chegando, a movimentação de policiais, viaturas e pessoas era intensa. Estacionou seu veículo e dirigiu-se para o aglomerado de policiais, avistando Clóvis, Augusto e Reinaldo, que lhe acenaram.

– O que houve? – perguntou impacientemente.

– É melhor o chefe ver com os próprios olhos... – respondeu Augusto.

Os policiais conduziram o delegado até onde estava o cadáver. O local já havia sido isolado por Clóvis e Reinaldo.

– Que desgraçado! Sem-vergonha! – disse indignadamente Set. – Onde isso vai terminar? O QUE VOCÊ ESTÁ QUERENDO, COVARDE? – seu desconforto diante desse novo corpo encontrado era visível. Se houvesse encarcerado o assassino, esta pessoa não estaria morta. Mesmo que indiretamente, sentia-se responsável pelo homicídio.

Estranhamente, dessa vez, a vítima era uma mulher. Sua posição no solo – os pés juntos, as mãos em oração sobre o abdômen, os olhos com as pálpebras fechadas e a bíblia sobre o osso esterno – denunciava, inequivocamente, que essa era a terceira vítima do assassino das bíblias. A julgar pela vestimenta – minissaia, blusa com um nó acima do umbigo, realçando o busto, a falta de roupas íntimas e sapato de salto alto –, era uma prostituta, sendo que sua bolsa havia sido colocada cuidadosamente ao seu lado. O corpo estava prostrado no meio do capim-sapé<sup>25</sup> que crescia ao redor da clareira. O cadáver não podia ser visto a uma distância de mais de 3 metros porque as plantas o ocultavam.

– Quem a encontrou?

– Comunicação anônima, delegado – respondeu Augusto.

– Boa-noite, senhores – cumprimentou o fotógrafo Eduardo Samuelli. – Alguém anda bastante ocupado ultimamente, não é mesmo? – comentou, referindo-se ao assassino. Nesse momento chegou a ambulância, sirene a todo volume, guiada por Michael.

Set colocou luvas cirúrgicas e agachou-se, pegando a bolsa da vítima para olhar seus documentos, constatando que ela se chamava Iara Pérgamo de Freitas. Além dos objetos corriqueiros de uma bolsa feminina, havia dentro dela uma conta de luz paga há 9 dias. Ao lê-la, empalideceu: a conta era atinente a uma casa de uma cidade distante 700 quilôme-

tros da cena do crime, e a fatura era no nome da vítima! Noutra compartimento da bolsa encontrou canhotos de pedágios rodoviários de todo o percurso entre a cidade da vítima e a do crime, datados de sábado à noite e domingo de madrugada passados.

– O que está havendo?!... – murmurou. O mundo ao seu redor parecia girar. Essa sensação de não saber o que estava acontecendo o deixava perdido e odiava sua impotência diante do assassino. O que uma prostituta de outra cidade, um estrangeiro nu e um divorciado tinham em comum? O que ele não estava enxergando? Embalou os objetos encontrados na cena do crime para enviá-los ao IGPC. Não nutria expectativas quanto a encontrarem impressões digitais porque o bandido estava executando os assassinatos com maestria, tomando cuidado para não deixar rastros ou pistas em nada ligado aos crimes.

Após Eduardo terminar o levantamento fotográfico, Set reuniu os policiais presentes:

– Vamos fazer uma detalhada busca por todo o local. Temos de encontrar alguma coisa! Qualquer coisa! Não me desapontem, rapazes! Mãos à obra. Reinaldo, encarregue-se dos transeuntes e da imprensa para que não cheguem perto daqui.

– *Xá comigo, chefia!*

Os policiais vasculharam todo o local, especialmente próximo do corpo, tentando encontrar rastros, pois havia chovido e a terra estava úmida e fofa, propícia para capturar pegadas do assassino. Inacreditavelmente não encontraram coisa alguma. Nenhuma marca ou pegada. Pior: nem mesmo parecia que haviam sido apagadas. Era como se o homicida nem mesmo estivera ali!

– Isso não pode estar acontecendo... NÃO PODE ESTAR ACONTECENDO! Isso é pior do que um pesadelo! – gritou desesperadamente Set, desnorteado por não saber o que fazer. – Três mortes consecutivas e nenhuma pista! O que está havendo? O que é que não estamos vendo? Quem é esse bandido safado?

– Pelo visto o corno sabe muito bem o que faz... – disse Augusto – Parece que sabe aonde vamos procurar pistas e as apaga... Ou então ele é um fantasma!

Após acalmar-se um pouco, Set olhou ao seu redor e notou que um carro civil não havia deixado o local. Acompanhado por Clóvis e Augusto, foi até lá para ver o que estava acontecendo. Quando chegou perto do automóvel notou que em seu interior havia um rapaz que, a julgar pela posição das mãos, parecia estar orando.

– Boa-noite... Sou o delegado Set... Queira descer do carro... – o rapaz nem mesmo olhou para a autoridade policial. – Psiu, rapaz... O que houve?

– Na... da... – respondeu, tremendo e gaguejando. Set imaginou que deveria ser um diletante em drogas que havia experimentado pela primeira vez e ao ver os policiais ficara paralisado de medo.

– Sei... – disse o delegado, coçando o queixo. – E por que você está tão apavorado, então? – e olhou para dentro do automóvel com a intenção de encontrar quaisquer resquícios de narcóticos.

– Não estou bem certo... Não dava para ver direito... – disse, soluçando.

– Continue.

– Eu só conseguia ver... um vulto se movimentando... lá naqueles arbustos... – nesse momento o rapaz apontou para o local onde fora encontrado o corpo da terceira vítima. – Mas não dava para ver muito bem, por causa da escuridão... Mas aí caiu um raio lá atrás e eu vi... – nesse momento, ficou extremamente tenso. – Eu vi... eu não sei o que eu vi...

– O QUÊ?! – perguntou o delegado num misto de euforia, confusão e ânsia, e bradou impacientemente – VIU OU NÃO VIU? Viu o que, rapaz? Fala! Quem era? – pegou o rapaz pelos braços, a adrenalina fez com que seu coração disparasse.

– Vi... só não sei o quê... Era grande... tinha chifres... – balbuciou, quase em colapso nervoso, com grande dificuldade para articular as palavras e começando a chorar.

– ã?! Pronto! – disse Set frustrado e ao mesmo tempo assustado. – O que você fumou, rapaz? – e virou-se para Clóvis e Augusto, que se entreolharam sem nada entender. – Só me faltava essa! Um bosta de um *guri* tendo alucinações por causa de *cannabis sativa*.<sup>26</sup> LEVEM ESTE CHORÃO DAQUI ANTES QUE EU... – falou, numa explosão de sentimentos de fadiga, frustração e desespero.

O vento soprava com todo seu furor, dando a nítida impressão de atingir os ossos das pessoas que ali estavam. A paisagem do capim-sapé balançado freneticamente com a tempestade elétrica iluminando-o era fantasmagórica. O céu estava sem nenhuma estrela e o frio da noite era intenso. Por volta das 2 h da manhã Set saiu do local do crime. Sentia-se congelando e rumou para o IML. Reinaldo, a seu pedido, conduziu o rapaz até a DP para colher seu depoimento.

